



Um biênio perdido

Síntese: *Completada a primeira metade de sua gestão, Dilma Rousseff tem muito pouco a apresentar à população em termos de realizações. Seu governo notabilizou-se até agora por promessas não cumpridas, por um desempenho econômico muito abaixo da média dos demais países e pela eclosão quase cotidiana de casos de corrupção envolvendo as mais altas esferas federais. Medidas tomadas por Brasília também criaram um ambiente hostil aos investimentos privados, ao mesmo tempo em que a máquina estatal continua sem conseguir executar as obras públicas previstas no Orçamento da União. Nestes dois anos, a presidente esteve muito aquém da boa gestora que apregoava ser.*

A presidente Dilma Rousseff completa seu segundo ano de governo com muito pouco a apresentar em termos de realizações. Nesta primeira metade do mandato, boa parte da energia foi gasta para debelar crises decorrentes da corrupta ocupação da máquina do Estado por petistas e seus aliados. Outra parcela dos esforços tem sido dissipada numa gestão econômica errática, que, na melhor das hipóteses, não consegue cumprir os objetivos a que se propõe e, na pior, age na direção contrária à que recomenda o bom senso.

Pelo segundo ano consecutivo, as previsões oficiais de crescimento da economia irão se frustrar. E não será por pouco. Tanto em 2011, quanto em 2012, a gestão Dilma acenou com a possibilidade de manter a expansão do PIB brasileiro na casa dos 4% anuais. Na média, porém, não chegou sequer à metade disso: o país crescerá apenas 1,8% anual neste biênio, no pior resultado desde a Era Collor. Isto significa que Dilma precisou de dois anos para mal cumprir o que prometera fazer em um.

O desempenho brasileiro tem estado muito aquém do desejável. Basta observar o que acontece em nossos vizinhos. Nestes dois anos, o PIB do Chile terá aumentado a uma taxa média de 5,1%; o da Colômbia, a 5,3%; o do México, a 3,8%; e o do Peru, que já vem de longa trajetória de crescimento elevado, a 6,2%. A média da América Latina como um todo será de 3,8%, isto é, mais que o dobro da registrada pelo Brasil – considerando que se confirme a previsão de expansão de 1% em 2012, recém-oficializada pelo Banco Central, mas ainda tida como otimista por alguns.

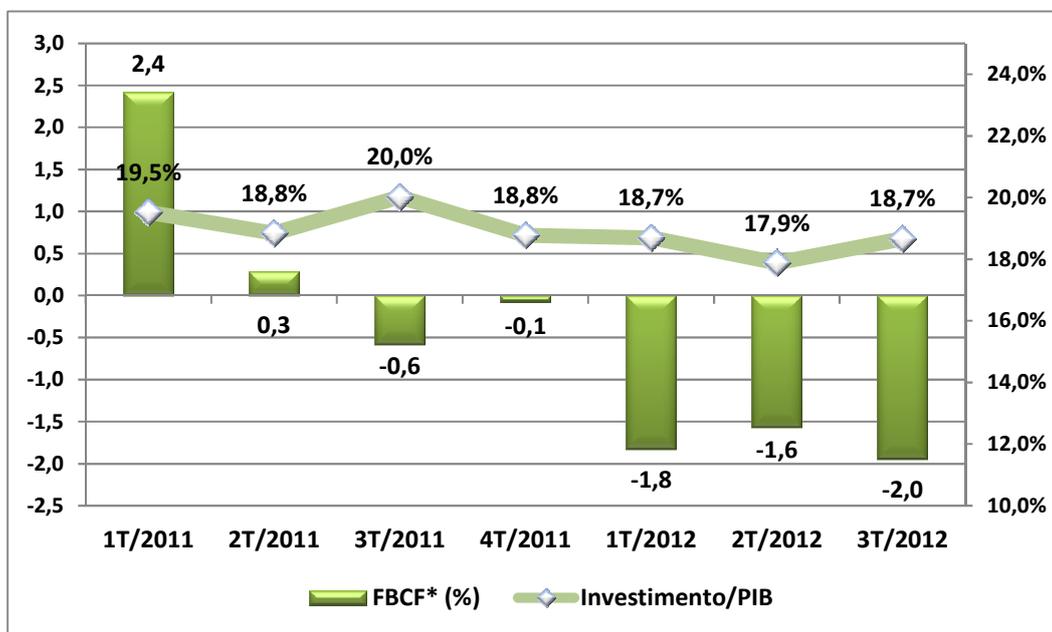
O Brasil será, mais uma vez, o patinho feio da América Latina, o lanterna dos Bric e perderá até mesmo para algumas economias da combalida União Europeia. No continente, exceto o Paraguai, todos os demais países avançarão em velocidade bem maior que a nossa neste ano. Se a crise é externa, como sustentam os porta-vozes petistas, por que Chile, EUA, Alemanha, México, Peru e outros tantos não padecem como nós e exibem desempenho robusto? A resposta só pode ser uma: o problema do Brasil é interno.

Metas não cumpridas

O indicador do PIB é apenas o mais vistoso de uma coleção de objetivos frustrados e metas não cumpridas pela gestão de Dilma Rousseff. Outra delas é a de inflação, com a qual a gestão petista flerta perigosamente. Assim como em 2012, neste ano, mais uma vez, o alvo fixado pelo Comitê de Política Monetária (4,5% no ano) não será atingido, e o BC já avisou que não se deve esperar nada diferente em 2013 e em 2014.

O PT, aliás, é um devedor contumaz neste quesito: nestes dez anos desde 2003, apenas três vezes a inflação foi menor que a meta oficial estipulada. Neste ano, não fosse a redução do IPI dos automóveis e a contenção dos preços dos combustíveis praticados pela Petrobras, o aumento do custo de vida teria encostado no teto definido pelo Copom pela segunda vez consecutiva. São poucas as economias maduras no mundo em que o rendimento do trabalhador é corroído com tamanha intensidade pela escalada dos preços.

Investimentos no Brasil na gestão Dilma



Fonte: IBGE/Contas Nacionais. *Formação bruta de capital fixo: variação sobre o trimestre anterior

Um terceiro objetivo não alcançado refere-se ao superávit fiscal. Apesar de a carga tributária nacional estar atualmente em seu maior nível histórico, equivalente a 35,3% do PIB, a gestão Dilma não conseguirá economizar o suficiente para honrar a meta definida pelo governo para o pagamento de juros e a consequente redução da dívida pública. O resultado primário, que em meados de 2011 beirava 3% do PIB, caiu praticamente à metade. O mais grave é a qualidade dos gastos em ascensão: as despesas de custeio continuam crescendo muito (17,2% no acumulado até outubro, em comparação com igual período de 2011), mas os investimentos não saem do lugar.

Não faz, nem deixa fazer

O mau comportamento dos investimentos é, atualmente, a calcanhar de aquiles da economia brasileira. Há cinco trimestres, a taxa vem caindo. Em setembro, recuou a 18,7% do PIB. Isto significa dizer que apenas nos dois primeiros trimestres da gestão Dilma o desempenho deste quesito não foi negativo. Neste

assunto, este é um governo que vem se notabilizando por não fazer e também por não deixar fazer os que querem investir.

A gestão petista nem investe o que está autorizado no Orçamento Geral da União, nem fornece condições para que o setor privado toque seus empreendimentos adiante. Dos R\$ 90,4 bilhões autorizados para este ano, apenas 45% haviam sido gastos até novembro. Pior: pouco mais da metade do investido (R\$ 23,4 bilhões) destinou-se aos chamados "restos a pagar", ou seja, à quitação de despesas de outros exercícios.

Um dos exemplos mais gritantes da gestão deficiente do governo petista é o Ministério dos Transportes. Neste ano, até novembro, a pasta que deveria estar zelando para melhorar a infraestrutura viária do país gastou R\$ 1,8 bilhão menos que nos 11 primeiros meses de 2011. Não surpreende que o Brasil continue a ocupar as piores posições nos rankings que medem a competitividade de economias ao redor do globo.

Para completar, o Programa de Aceleração do Crescimento continua acumulando uma coleção de atrasos – que, aliás, o governo do PT considera ser a "regra do jogo" por aqui. Obras importantes para melhorar as condições de vida da população, como a transposição do rio São Francisco ou os investimentos em metrô, passaram mais um ano sem sair do papel. É de se perguntar: afinal, onde foi parar toda a competência de boa gestora que a presidente dizia ter?

Quando se examina o ambiente de negócios, o ano termina com um horizonte turvo pela frente, sem que o país possa confiar nos compromissos oficiais e com os investidores privados cada vez mais resabiados em acreditar no Brasil. Até agora, a gestão Dilma notabilizou-se por intervenções truculentas no mercado, quebras de contrato e medidas discricionárias. Como resultado, o país corre sério risco de, nos próximos meses, não dispor de insumos básicos como combustíveis e energia elétrica.

O ano de 2013 será decisivo para o futuro da atual gestão. Pelo que mostrou neste primeiro biênio, Dilma Rousseff continua devendo muito aos brasileiros. Com a economia do país andando a passos lentos, a obra mais vistosa que a presidente tem a mostrar até agora é a profusão de escândalos de corrupção envolvendo gente graúda instalada em gabinetes de primeiro escalão. Não é algo que mereça comemoração ou inspire orgulho.



"Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV" é uma publicação mensal do Instituto Teotônio Vilela